

Delírio: contorno do Real

Sonia Leite

Resumo

Pode-se dizer que o ponto de origem do sujeito é o *trauma*. O trauma é um encontro com o Real na medida em que implica em um inassimilável. Se na neurose é a *fantasia* que faz suplência a esse impossível, na psicose é o *delírio* que tenta responder ao traumático inassimilável. No primeiro caso algo é simbolizado, compondo o aparelho psíquico, enquanto no segundo, o que se repete é a impossibilidade da assimilação de algo que diz respeito à ação do Outro sobre o corpo do sujeito. A partir da clínica, este trabalho destaca a falha no recalque originário, o aparecimento do delírio como *tentativa de cura* na psicose e de *contorno* do encontro com o Real como traumático.

Unitermos

Trauma; fantasia; delírio; psicose; Real.

Ser psicanalista é simplesmente abrir os olhos para essa evidência de que não há nada mais desbaratado que a realidade humana
(Lacan, 1955-56, p. 99).

Pode-se dizer que o ponto de origem do sujeito é o *trauma*. Encontro faltoso com o Outro, encontro com a falta real do objeto. O trauma é um encontro com o Real na medida em que implica um inassimilável para o sujeito. Se na neurose é a *fantasia* que faz suplência a esse impossível, na psicose, é o *delírio* que tenta responder ao traumático inassimilável. No primeiro caso algo é simbolizado, compondo o aparelho psíquico, enquanto no segundo, o que se repete é a impossibilidade da assimilação de algo que diz respeito à ação do Outro sobre o corpo do sujeito. Daí advém a experiência de total exterioridade do delírio do sujeito psicótico.

A partir da experiência clínica, este trabalho pretende tecer reflexões sobre o trauma em Freud e Lacan, a questão da falha no recalque originário e

a não instauração da fantasia na psicose, destacando o que Freud denomina *tentativa de cura* na psicose, isto é, a produção delirante como tentativa de contorno do encontro com o Real traumático.

Com Rosana

– “*Eu vi a coisa horrível!*”.

Assim Rosana começa a sessão, relatando o inabordável que permeia cotidianamente sua vida. E prossegue:

“*Quando ele (o ator Marcos Paulo) começa a acionar os meus ouvidos, tenho a impressão de que vou morrer e deito na cama. Este estrondo no meu ouvido é perigoso... outro dia cai na rua... Ele dá gritos estrondosos e de maneira estúpida e violenta nos meus ouvidos. Ele me tortura com esses gritos e falatórios*”.

Quando as *vozes* são fortes demais, não consegue sair de casa, fica paralisada, tem medo de morrer. Esse *encontro* violento repete-se várias vezes por semana.

Como nos sonhos dos neuróticos de guerra, relatados por Freud no texto de 1920, *Além do princípio do prazer*, algo de inassimilável retorna para Rosana, só que nesse caso, não como nos sonhos – isto é, não como algo que seja da ordem da subjetividade –, mas pelos *fios de eletricidade da rua que atingem seus ouvidos*. Ou seja, como algo totalmente externo a ela. Nesse momento, ao deparar-se com o que denomina *a coisa horrível*, ela, literalmente *perde o sentido*.

As crises de Rosana tiveram início na adolescência, momento de assunção da vida sexual e social. Lembra-se de que quando começou a sair sozinha costumavam ocorrer o que ela denomina episódios de *apagamento*, que a levavam a se perder pelas ruas, precisando que um de seus pais fosse buscá-la.

Antes de se formar professora, todo movimento de Rosana para fora do ambiente *familiar* era permeado de ameaças, sustos, perigos – tudo apontando para uma *impossibilidade*. O pai teme a violência nas ruas, os crimes; a mãe teme a prostituição, o sexo sem limites.

Aos vinte anos formou-se professora, e ao ter que assumir sua primeira turma diz ter sido tomada por um grande temor, uma angústia em relação à possibilidade de ensinar aos alunos. *Ia, enfim, ocupar um lugar definido*,

trabalhar, ser independente, e muitas expectativas convergiam. Como se posicionar? Nesse momento o *impossível* aí se corporifica, na função social que é chamada a ocupar. O momento da eclosão da psicose é exatamente aquele em que o sujeito é chamado a responder ali onde não pode.

Com Freud e Lacan

Pensar a questão do trauma na obra freudiana coloca-nos diante da importância do chamado ponto de vista econômico na estruturação do psiquismo. Desde o *Projeto* (1950[1895]), Freud destacara o papel decisivo da presença de quantidades excessivas de excitação, que podem conduzir o aparelho psíquico à vivência de desamparo, configurando-se uma experiência de cunho traumático. Tais experiências devem sua força patogênica ao fato de produzirem quantidades de excitação que não são passíveis de processamento pelo aparelho psíquico.

Já no *Projeto* Freud identifica, a partir do *princípio da inércia*, uma tendência originária, segundo a qual os neurônios visam o nível zero de estimulação. Mais adiante supõe que o sistema neuronal é forçado a abandonar essa tendência devido à ocorrência de uma modificação em seu modo de funcionamento, que passa a ser regido pelo *princípio da constância*, base da teoria econômica freudiana.

Esses pontos colocam-nos diretamente em contato com aquilo que Freud considera a própria função do aparelho psíquico – a *homeostase* do sistema. É o encontro com o *Outro*, em suas diferentes *encarnações*, que possibilitará ao *organismo* a criação de formas complexas de funcionamento, que se constituem à medida que aquele corpo torna-se erogeneizado, isto é, marcado pelo prazer-desprazer.

No capítulo VII d' *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud desenvolve a hipótese de um aparelho psíquico primitivo, cujo trabalho é regulado pela tendência a evitar a acumulação de excitação. Esse *princípio do prazer-desprazer* é caracterizado pelo escoamento livre das quantidades de excitação, sendo regulador do funcionamento psíquico inconsciente. Nesse período, Freud nomeou de *Pcs* o sistema que tem a função de inibir o livre escoamento, utilizando-se, para tanto, das representações de palavra. Essas questões serão retomadas mais tarde, em 1911, a partir de uma discussão sobre os dois modos de funcionamento mental – o *princípio do prazer* e o *princípio da realidade*.

Nesse trabalho, Freud considera o *princípio do prazer* como a tendência a manter a zero a quantidade de excitação no aparelho psíquico, e o segundo, isto é, o *princípio da realidade*, como a tendência a mantê-la *constante*, a partir de investimentos representativos mais estáveis. Indica a existência de uma tendência *econômica* geral de apego às fontes de prazer primárias, e de uma dificuldade para renunciarmos a elas. Trata-se, também, de um estudo sobre a importância da *fantasia* como suporte do desejo, isto é, como estratégia psíquica para que o sujeito suporte a realidade faltosa. O texto em questão revela que a *fantasia* expressa, em última instância, a *insatisfação* inerente à pulsão sexual e à insistência do desejo sexual.

Como afirma Jorge (2003), esse trabalho vem completar um extenso período de reflexão em torno do tema, que se inicia em 1907. Chama a atenção para o fato de que é somente ao cabo desse processo que Freud consegue extrair a complexa lógica inerente ao *delírio* na psicose, publicando, também em 1911, o *caso Schreber*.

No capítulo III do artigo, Freud desenvolve a idéia de que o *delírio* é uma tentativa de reconstrução após a *catástrofe*, após o momento de eclosão da *psicose propriamente dita*. Faz, assim, uma importante distinção entre *delírio* e *psicose*.

O *delírio* não é, portanto, a *psicose*, mas uma tentativa de *cura* desta – tentativa de restabelecimento das relações libidinais com os objetos anteriormente abandonados. É também um modo de expressão do apego e afirmação da força das fontes de prazer primário.

Podemos considerar que o *delírio* apresenta-se, portanto, como tentativa de recobrir um *fosso*, que a expressão freudiana *fantasia de fim de mundo* tenta ilustrar. Sabemos que os casos mais graves de psicose, as chamadas *esquizofrenias*, constituem-se também nos casos mais difíceis de abordar analiticamente, pois o total *retraimento da libido* em direção ao eu impediria, em princípio, o estabelecimento da transferência. Já nos casos em que o delírio apresenta-se de forma mais sistematizada é possível a escuta analítica do fragmento de verdade aí presente, viabilizando-se a reconstrução histórica do sujeito.

Somente em 1920, no texto *Além do princípio do prazer*, Freud refere-se claramente ao *princípio da constância* como o fundamento econômico do *princípio do prazer*, e da possibilidade de sua transformação em *princípio da realidade*. Este último aponta para o reconhecimento da realidade como *faltosa* e tem como

efeito a constituição da *fantasia*, pois a realidade como tal é em si mesma incognoscível, sendo necessário recobri-la com aquilo que é da ordem psíquica.

Nesse texto, porém, Freud mantém ainda uma certa contradição ao considerar como equivalentes a tendência para a *redução absoluta* e a tendência para a *constância*. Apenas em 1924, no artigo *O problema econômico do masoquismo*, é que ele faz uma clara distinção entre as duas abordagens, apontando que a tendência à *constância* é o que fundamenta a *pulsão de vida* regida pelo *princípio do prazer*, enquanto a tendência à *redução absoluta* seria regida pelo *princípio do nirvana*, substrato da *pulsão de morte*.

Não é, no entanto, o fato da morte do ser vivo que leva Freud a considerar a idéia da *pulsão de morte*, mas sua observação que algo coage o homem a sair dos limites da vida. Algo, portanto, além do *princípio do prazer*, que reconduz o homem ao estado de desamparo inicial, que tem como protótipo o *trauma do nascimento*.

Ao introduzir a noção de pulsão de morte, Freud dá à noção de *pulsão* seu verdadeiro estatuto – de pressão na direção de uma satisfação absoluta, nomeada por Lacan de *gozo*.

Isto significa considerar que a experiência traumática relaciona-se diretamente com a incapacidade do aparelho psíquico fazer vigorar o *princípio da constância*, sendo obrigado, em função de um excesso de estímulos, a tender ao nível zero, ou seja, a uma descarga excessiva, visando livrar o aparelho da situação desagradadora.

Lacan (1964), no *Seminário 11*, a partir da leitura do texto freudiano *Além do princípio do prazer*, vai diferenciar dois modos de repetição: *tiquê* e *autômaton*. O primeiro refere-se à repetição como encontro do real, o qual está para além do *autômaton*, do retorno, isto é, da volta comandada pelo princípio do prazer.

Na origem da psicanálise, com a idéia de *trauma*, Freud inscreve *tiquê* como princípio, isto é, o real como inassimilável – que se opõe ao *princípio do prazer* e *da realidade* –, insistência que reaparece com o rosto desvelado e precisa ser tamponado pela homeostase subjetivante.

É interessante ressaltarmos que é no mesmo ano de 1924, quando estabelece de fato a diferença entre *princípio do nirvana* e *princípio do prazer*, que Freud publica os dois importantes estudos sobre as estruturas neuróticas e

psicótica. O trabalho intitulado *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924), escrito três meses depois de *Neurose e psicose* (1924[1923]), visa retificar a idéia de que somente na psicose haveria *perda da realidade*. Considera que “a neurose e a psicose diferem uma da outra muito mais em sua primeira reação introdutória do que na tentativa de reparação que se segue” (1924, p. 231).

O que se destaca é a diferença entre uma estrutura e outra não se estabelecer devido ao fato da *perda da realidade*, já que esta é comum a ambas. A diferença estrutural verifica-se em função dos diferentes *tempos* míticos em que essa *perda* se estabelece, definindo a partir daí sua radicalidade e as possibilidades estratégicas de recompô-la.

A *neurose propriamente dita* diz respeito ao afrouxamento da relação com a realidade, que ocorre em um *segundo tempo* devido ao fracasso do recalçamento, e a *fantasia* é o que se constitui como *suplência* capaz de recobrir o impossível na relação com o objeto. Freud demonstra que a perda da realidade diz respeito àquele fragmento de realidade relacionado ao objeto de desejo, sendo a *neurose* exatamente esse segundo tempo, do retorno do recalçado e da constituição da fantasia, revelador do fracasso na aceitação da realidade faltosa.

Já a psicose define-se em um *primeiro tempo mítico*, quando ocorre a perda da realidade, a qual apresenta a radicalidade de um repúdio, de uma *forclusão*, como ensina Lacan. O *segundo tempo* da psicose também comporta o caráter de uma reparação, como na neurose, e o delírio é como uma peça posta no lugar de uma *rasgadura* que se produziu na relação do eu com o mundo.

Freud conclui que a *diferença no tempo primordial* de uma e outra tem efeitos na produção do desfecho; no caso de uma psicose a reparação comporta também o aspecto de uma radicalidade, pois o psicótico tenta colocar seu mundo imaginário no lugar da realidade faltosa; enquanto na neurose o mundo imaginário, assim como o brinquedo da criança, liga-se a um fragmento da realidade, emprestando-lhe um significado simbólico.

Estas questões podem ser abordadas, tendo-se em vista a questão da teoria freudiana do recalçamento, em três tempos (Freud, 1915). O *primeiro tempo*, presumido, pois logicamente necessário, é nomeado de *recalque originário* e produz o que Freud denomina uma *fixação*. Este tempo primordial, denominado *juízo de atribuição*, é um tempo mítico de admissão prévia – *Bejahung* –, que possibilita a assunção de um corpo de significantes transmitido pelo Outro.

Para que ocorra o *segundo tempo* – o recalque propriamente dito –, é preciso que se conjuguem os efeitos de atração do que foi anteriormente recalçado e da repulsa, que a partir do consciente, atua sobre o que deve ser recalçado. Para que esse momento se efetive é necessário que já tenha entrado em ação o chamado *juízo de existência*. O juízo de existência é o que vai determinar, do ponto de vista daquele sujeito, um dentro e um fora, assim como todas as antinomias conjugadas a partir de uma mesma matriz inicial, representada pelo primeiro corpo de significantes. É apenas em um *terceiro tempo* que se pode falar de conflito e sintoma neurótico: trata-se do retorno do recalçado.

Na neurose, a *fantasia*, como efeito do recalque originário, é o que possibilita ao sujeito fazer face ao *real* traumático, sustentando em seu lugar uma relação de desejo com o objeto faltoso (Jorge, 2003). O que era furo real torna-se borda, zona erógena, atravessada pela palavra e pela imagem com a qual o sujeito pode se haver.

Na psicose supõe-se um estilhaçamento do recalçamento originário, o qual constituiria, em um primeiríssimo tempo lógico, o corolário da delimitação do universo do discurso e também da disjunção dos sistemas psíquicos.

O mecanismo da psicose – *Verwerfung* – nomeado por Lacan (1955-56) de *forclusão*, significa a falha desta *Bejahung* inicial, ocorrendo a rejeição de um significante primordial nas trevas exteriores, de onde eventualmente retornará. Nesta perspectiva, a projeção na psicose é o mecanismo de fazer retornar de fora aquilo que foi excluído da simbolização geral estruturante do sujeito.

Finalizando com Rosana

Podemos considerar que *Rosana*, saindo pelas ruas, *perde o sentido* porque vive a ausência de uma *via principal*, como Lacan nomeia o significante fálico primordial, ou seja, aquele que como uma avenida em uma grande cidade possibilita a todas as outras *vias* assumirem um sentido. É esta ausência que é vivenciada repetidamente como um *encontro com a coisa horrível*, como afirma; com o *non-sense* da sua existência.

Trata-se de uma falha radical na estruturação do Édipo, que vai impossibilitar uma tomada de posição diante do significante fálico e dos amores, que em substituição aos primeiros objetos, possam inscrever-se na vida do sujeito. Diante dessa total impossibilidade, o que reaparece no delírio é a história

de um *crime* de que ela se sente vítima; *crime* este que em sua expressão impede o sexo, visto que, como afirma Lacan: “a realização da posição sexual no ser humano está ligada (...) à prova da travessia de uma relação fundamentalmente simbolizada, a do Édipo, que comporta uma posição que aliena o sujeito, isto é, o faz desejar o objeto de um outro, e possuí-lo por procuração de um outro” (Lacan, 1955-56, p. 203).

O *crime* é a palavra-chave nesse discurso delirante, cuja significação tem a prioridade de remeter a algo inefável, irredutível – é o elemento que retorna insistentemente de *fora*, sob a forma de *injúria*.

São as *moedas de desejo do Outro* que são transmitidas e apropriadas, possibilitando a chamada constituição do sujeito. Lacan (1957-58) considera que alguns destes signos são signos constitutivos, através dos quais a criação do valor é assegurada; esse algo do real que é implicado a todo instante nessa economia é atingido pela bala que faz dele um signo.

Quando se trata da *fantasia* inconsciente, esta é desde sempre dominada, estruturada pelas condições do significante, pois o discurso inconsciente estrutura-se à medida que sua mola última não é outra coisa senão o desejo de reconhecimento do sujeito. Já o *delírio* impõe ao sujeito uma significação impossível de ser simbolizada, e por isso retorna do mundo externo.

E assim, afirma Rosana: “*Eles querem impedir o sexo... por isso fiquei solteira... eles me vigiam para ver o sexo e não me deixam encontrar os estrangeiros...*”. Em um outro momento, indaga: “*Existe alguma anestesia pra fazer sexo sem dor?*”.

O que se explicita aqui é uma impossibilidade de encontro com o sexual, cuja face real se sobrepõe, tornando-se algo inabordável pelo sujeito. O encontro com o objeto torna-se encontro com *das Ding*, a *coisa horrível*, como afirma Rosana, pois o que se presentifica é a ausência total de palavra e de imagem, o que vem a impossibilitar a experiência sexual.

Em um certo período de seu tratamento traz revistas com cenas explícitas de relações sexuais, verdadeiros manuais de posições, com os órgãos sexuais expostos. Dizia, aos gritos: “*Isto é um horror, isto não pode ser sexo. Isto eu não quero, prefiro ficar solteira, porque isto não tem beleza, nem poesia...*”.

Lacan considerará enigmaticamente que não há outro trauma do nascimento do que nascer desejado. Considera a seguir que *desejado ou não*,

dá no mesmo... Esta afirmação coloca-nos diante do paradoxo humano, que é a presença irreversível do *trauma*, na medida em que ele aponta para a presença de um *mal entendido* fundamental atrelado à origem do sujeito, visto que ele faz parte de uma linhagem em que já vigora o *mal entendido*, isto é, o inconsciente estruturado como linguagem.

É por isso que a inserção da criança em uma dimensão histórica é um processo fundamental para que o sujeito possa ser reconhecido como *elo*, vindo a se inserir em uma cadeia significante. É este *primeiro* corpo de significantes que vem recobrir o *non-sense* original, favorecendo uma primeira identificação imaginária e permitindo um primeiro dom libidinal. Aqui se introduz um *além* da relação mãe-filho, possibilitando o acesso do sujeito ao circuito simbólico.

A entrada do sujeito no mundo humano diz respeito, portanto, à possibilidade dele se apropriar das condições que lhe são impostas, de tal forma que elas se apresentem como se fossem feitas para ele, isto é, encontrando os meios de se satisfazer com elas e por meio delas. É este fato que possibilitará a construção de um *mito* individual a partir dos significantes herdados, matéria prima para a construção de algumas respostas para o enigma da existência.

Quando se trata da verdade, a psicanálise nos ensina que no campo do sujeito, esta é sempre da ordem da *ficção* – a característica do prazer, como dimensão do que encadeia o homem, encontra-se totalmente no lado do fictício. O fictício, efetivamente, não é por essência o que é falso, mas o que se denomina de simbólico. Neste sentido, o homem está sempre em busca do retorno de um signo, e a questão que se coloca é a da distância entre o prazer esperado, imaginado, e o prazer possível, realizável.

De qualquer modo, a vida *não é um sonho*, como indica Lacan (1964). É exatamente por isso que é preciso *sonhar*, *fantasiar* e também *delirar*, quando ao sujeito não restar outro recurso. Delírio como tentativa de cura, como afirma Freud; delírio, como tentativa de contorno do Real.

Referências Bibliográficas

- FREUD, S. (1950[1895]). *Projeto para uma psicologia científica*. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1977. vol. I.
- FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1977. vol. V.
- FREUD, S. (1908[1907]). *Escritores criativos e devaneio*. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1977. vol. IX.
- FREUD, S. (1911). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)*. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1977. vol. XII.
- FREUD, S. (1911). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1977. vol. XII.
- FREUD, S. (1915). *Repressão*. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1977. vol. XIV.
- FREUD, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1977. vol. XXIII.
- FREUD, S. (1924[1923]). *Neurose e psicose*. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1977. vol. XIX.
- FREUD, S. (1924). *A perda da realidade na neurose e psicose*. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1977. vol. XIX.
- FREUD, S. (1924). *O problema econômico do masoquismo*. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1977. vol. XIX.
- JORGE, M.A.C. Les quatre dimensions du réveil: revê, fantasme, délire, illusion. In: DIDIER-WEILL, Allan (org). *Freud et Vienne*. Ramonville Saint-Agne: Érès, 2004.
- LACAN, J. (1955-56). *Livro 3. As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LACAN, J. (1957-58). *Livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- LACAN, J. (1964). *Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

Delusion: Outlines of the Real

Abstract

One can affirm that *trauma* is the starting point of subject. Trauma encounters the Real as far as it implies a non-assimilating factor. If *fantasy*, in neurosis, provides such impossibility, *delusion* in psychosis, is an effort to respond a non- assimilating trauma. In the first case, psychic system is symbolized constituting the mental apparatus whereas, in the second, there is the repetition of non-assimilation of something related to Other's action on subjective body. From clinical experience, this paper tries to consider failure in original repression and the non establishment of fantasy in psychosis. It also highlights what Freud calls *cure attempt* in psychosis, meaning delusion production in order to outline traumatic Real.

Keywords

Trauma; fantasy; delusion; psychosis; Real.

Sonia Leite

Psicanalista; Membro do Corpo Freudiano do RJ; Doutora em Psicologia Clínica (PUC-RJ); Coordenadora do Estágio em Psicanálise e Saúde Mental do IASERJ (Instituto de Assistência dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro).

Rua Conde de Bonfim, 289 / 702 – 20520-051 – Tijuca – Rio de Janeiro/RJ
tel: (21) 2264-8819
e-mail: soniacleite@uol. com. br

recebido em 08/07/05
versão revisada recebida em 14/09/05
aprovado em 21/09/05